

formação continuada o tema “Gênero e Sexualidade” se dilui nas temáticas educação inclusiva e infantil; currículo, trabalho e formação docente; problemas ambientais e sustentabilidade. As bibliografias produzidas pelos líderes têm enfoques na educação infantil, educação física, educação artística, relação entre professor-aluno, em que o gênero é a categoria de análise. Os dados obtidos foram organizados por estado em que os grupos estão dispostos para análise das características gerais e sua capilaridade na região. Inventariamos apenas os surgidos no período estudado, não incluindo grupos mais longevos em cada Estado.

No estado de Minas Gerais há nove grupos dos quais, cinco incluem uma referência a gênero, sexualidade e/ou feminilidade no título do grupo, três, apenas nas linhas de pesquisa e um não menciona esses termos no título nem nas linhas de pesquisa. Quanto à sede, dois grupos estão na Universidade Federal de Uberlândia, três em institutos federais, e um em cada uma das demais universidades federais: Juiz de Fora, Minas Gerais e Lavras; e uma na estadual de Montes Claros. Os grupos são recentes, sendo que um surge em 2013, dois em 2016, três em 2017 e dois em 2020. Saliente-se que Minas Gerais é o Estado com o maior número de feminicídios nos últimos anos (PORTAL G1, 2022), o que pode ter motivado a multiplicação desses grupos.

No Rio de Janeiro encontramos nove grupos, sendo que cinco mencionam o termo gênero e sexualidade no nome do grupo, um inclui a palavra diferença, outro, inclusão e um terceiro, direitos humanos – que entendemos serem referências a aspectos do tema. Há outro que, embora não mencione os termos sexualidade e gênero, nem termos afins no título, contém uma linha de pesquisa relacionando currículo à sexualidade, gênero, diferenças, diversidades. Destes, quatro grupos estão sediados na Universidade Estadual do Rio de Janeiro, dos quais dois estudam currículo; três estão na Universidade Federal do Rio de Janeiro, dos quais dois são de matemática e um é um laboratório de estudos de gênero; há um grupo no Colégio D. Pedro II e um de direitos humanos no Instituto Federal. Os grupos foram surgindo paulatinamente, de 2013 a 2020, sendo que em 2015 e 2020 surgiram dois grupos simultaneamente.

Em São Paulo, surgiram dois grupos em 2019: um na UFSCAR e outro na USP, ambos sobre diferenças, mencionando gênero e/ou sexualidade apenas em uma das linhas de pesquisa.

No Espírito Santo surgiram três grupos: um cita no nome gênero e sexualidade; outro cita diversidades e outro apenas numa das linhas de pesquisa contempla Gênero e sexualidade.

O fato de nove grupos inserirem os termos gênero e sexualidade nos títulos denota que eles surgiram especialmente para responder à demanda de estudos nessa temática, enquanto outros ou criaram linhas posteriormente à fundação do grupo, para acolher demandas para o próprio grupo ou buscaram ultrapassar as questões de gênero, propondo-se a pensar outros aspectos da diversidade como direitos, raças, diferenças e inclusão. São maioria os que se dedicam a questões curriculares e de conteúdos de ensino, havendo apenas um grupo dedicado às feminilidades. A maioria desses grupos possuem mais de uma linha de pesquisa,

contemplando outras temáticas da educação.

Em relação ao período de formação desses grupos, o ano com maior surgimento de grupos dentro do recorte dessa pesquisa foi 2017, com 21.7% dos grupos e o ano com menos grupos foi 2013 - 4,3%. Em 2012 nenhum grupo foi formado. Destacamos o fato de haver maior percentual de formação de grupos antes da última eleição presidencial (2013 a 2017) com 65,2%, em relação ao período pós eleição (2018 a 2020) com 34,8%.

Na amostra de publicações da maioria das líderes de grupo o tema gênero e sexualidade era secundário e outras produções sobre essa temática, não eram direcionadas ao debate da questão no ambiente escolar. Quanto aos objetos de análise, os grupos privilegiaram os documentos oficiais, como a BNCC, o antigo PCN, cartilhas de educação sexual e acontecimentos na escola, como desenhos em carteiras e paredes, relatos de experiência de extensão universitária. Foi recorrente a preocupação com a formação de professores, pois não preparam para tratar tais assuntos em sala de aula. Na publicação dos grupos de matemática e educação física que incluem gênero na discussão, apontam-se estereótipos que influenciam as práticas pedagógicas reforçando a heteronormatividade.

O tema sexualidade apareceu frequentemente associado à discussão sobre a violência escolar contra os LGBTQIA+, enfatizando, antes, o combate à homofobia na escola, do que às construções culturais mulher/homem. Embora o uso dos termos ideologia de gênero, desigualdade de gênero e identidade de gênero seja recorrente, não se observa a predominância do “[...] emprego do gênero como uma categoria construída socialmente busca a superação do uso do conceito sexo como definidor de características de homens e mulheres, de modo invariável, em todas as culturas e em todos os tempos” (ALVARENGA; MELLO; SILVA, 2022, p.829). O pós-estruturalismo, com foco na desconstrução do gênero como modelo binário e a teoria *Queer*, compreendida como [...] uma tentativa de compor uma teoria pós-identitária. As sexualidades são entendidas como em livre trânsito, sem se aterem a identificações precisas [...] (ARAÚJO, 2016, p.43), pareceu ser o referencial predominante; apenas o grupo do Colégio Pedro II tinha vertente marxista. Nas produções da maioria dos grupos, a identificação do referencial não foi precisa, demandando o aprofundamento das leituras de mais produções dos líderes de grupo.

Financiamento PIBIC/CNPQ.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, D. B. **Olhares e vozes da escola**: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero. 2016. 196 p. TESE (Doutorado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade.

ALVARENGA, E; MELLO, M. M. L.; SILVA, E.M. **Políticas públicas de formação de professores/as em gênero e diversidade sexual: entre interdições e disputas, o que resiste?** Formação em movimento, v. 3, p. 826-846, 2022.

PORTAL G1. **Minas Gerais é o estado que tem o maior número de feminicídios no Brasil.** 20/7/2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2022/07/20/minas-gerais-e-o-estado-que-tem-o-maior-numero-de-feminicidios-no-brasil.ghtml> Acesso: 28 de jul. 2022.